

REDES DE SOLIDARIEDADE NO CAMPO: GRUPO DE ARTESANATO DAS MULHERES DO ASSENTAMENTO DO MLST LUCILENE FERNANDES, UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS

Ana Flávia Martins de Lima¹

Nathália Santos Franqueiro²

Cintia Rodrigues de Oliveira³

INTRODUÇÃO

As imagens deste ensaio fotográfico e os depoimentos foram capturadas em um dos encontros semanais para produção artesanal realizados no ano de 2018 entre as mulheres do assentamento Lucilene Fernandes do Movimento de Libertação dos Sem Terra (MLST), localizado na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. A organização dos encontros foi uma iniciativa das próprias assentadas no intuito de produzir artesanatos para comercialização como forma de complementar a renda familiar, mas principalmente, estabelecer uma rede solidária de acolhimento mútuo e compartilhamento de saberes. O compromisso dessas mulheres se estende, portanto,

¹ Doutoranda em Administração Pública e Governo pela Fundação Getúlio Vargas. <http://lattes.cnpq.br/4241504888598831>. <https://orcid.org/0000-0003-4766-7630>. flaviapl5@hotmail.com. Endereço para correspondência: Endereço não informado. Telefone: Telefone não informado.

² Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Uberlândia. <http://lattes.cnpq.br/1864288962497657>. <https://orcid.org/0000-0002-9842-501X>. ansf@hotmail.com.

³ Doutora em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas. Professora Adjunta da Universidade Federal de Uberlândia. <http://lattes.cnpq.br/8358316505475749>. <https://orcid.org/0000-0001-7999-9002>. cintia@ufu.br.

para além da atividade econômica, abrange também o fortalecimento de suas práticas sociais, culturais e políticas.

O grupo de artesanato da “Fazenda Carinhosa” – nome atribuído pelos assentados à fazenda onde está localizado o assentamento – está inserido em um contexto mais amplo de atividades econômicas solidárias. Além do artesanato e das quitandas, as famílias comercializam os alimentos produzidos em canteiros agroecológicos nas feiras populares e solidárias da cidade e a articulação do trabalho produtivo dos assentados ocorre por meio de uma pequena cooperativa. O escopo deste ensaio, limita-se, no entanto, ao grupo destinado à produção de artesanato por se tratar de uma prática colaborativa realizada exclusivamente pelas mulheres. Nossos objetivos consistem em ilustrar a iniciativa de produção de artesanatos das mulheres do assentamento Lucilene Fernandes e refletir sobre as possibilidades de emancipação econômica, política e individual da ES a partir de uma perspectiva feminista.

Para Hillenkamp, Gue’rin e Verschuur (2015), apesar de serem protagonistas em várias iniciativas da ES, as mulheres ainda são sub-representadas nas pesquisas sobre o tema. Segundo as autoras, quando abordam discussões sobre gênero, os trabalhos limitam-se a declarações superficiais sobre sua transversalidade nos empreendimentos da ES como “afirmar que a diferença entre os sexos devem ser levadas em conta e que a igualdade de gênero é um objetivo da economia solidária” (Hillenkamp, Gue’rin & Verschuur, 2015, p. 1). Diante disso, propomos uma reflexão mais aprofundada sobre essa transversalidade a partir do contexto das artesãs do Assentamento Lucilene Fernandes.

Para os estudos organizacionais, tanto as teorias feministas quanto a economia solidária oferecem a oportunidade de desnaturalizar as concepções uniformizantes da perspectiva funcionalista da teoria econômica neoclássica, o que implica resgatar a

dimensão ética da ação organizacional e seu caráter público com vistas à satisfação das necessidades reais das pessoas (França Filho, 2003).

Segundo Miller (2012), a ES pode ser compreendida como uma economia que enfatiza a cooperação ao invés da competição, o bem-estar social e individual ao invés da acumulação, a equidade ao invés da desigualdade, a integração ecológica ao invés da exploração do meio ambiente, a participação popular democrática ao invés da concentração de poder nas mãos de poucos e a diversidade e a pluralidade ao invés da homogeneidade.

A economia solidária baseia-se fundamentalmente na emancipação das pessoas através de iniciativas colaborativas e populares que sejam capazes de fazer frente ao modelo econômico hegemônico. Tal emancipação não se refere apenas à geração de trabalho e renda, mas também ao alcance dos objetivos sociais da comunidade e ao desenvolvimento das pessoas que a integram (Singer, 2000; Cavedon & Ferraz, 2006).

Diante do exposto, é possível traçar convergências entre a ES e a perspectiva feminista. Faria (2011) argumenta que a perspectiva feminista da economia compartilha a vocação contra hegemônica da ES e seus princípios de solidariedade, redistribuição e reciprocidade, mas reconhece que a divisão sexual do trabalho permanece invisibilizada no campo de estudos da ES.

Hillenkamp, Gue'rin e Verschuur (2015) tratam de duas principais possibilidades de interseção entre a perspectiva feminista e a ES. A primeira relaciona-se à articulação entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo no sentido de questionar se, e de que forma as práticas solidárias contribuem para compartilhar, revalorizar e "des-domesticar" as atividades reprodutivas.

A segunda questão refere-se à dimensão política. Segundo as autoras, tanto a ES quanto a perspectiva feminista abordam as diferentes formas de ação política, tanto em suas especificidades quanto em suas multiplicidades. No entanto, enquanto a ES focaliza os espaços públicos de deliberação e a institucionalização desses espaços, as pesquisas feministas enfatizam a diversidade das formas de engajamento (resultantes das Interseccionalidades entre gênero, classe e raça) e contestam a oposição entre público e privado ao demonstrar que as responsabilidades domésticas das mulheres podem contribuir para seu engajamento na luta política (Hillenkamp, Gue'rin & Verschuur, 2015).

No que diz respeito ao contexto rural, para Faria (2011, p. 40) “a divisão sexual do trabalho se estrutura entre o que é realizado no âmbito da casa e do roçado”. Esta divisão é resultante da noção capitalista segundo a qual o trabalho estaria vinculado exclusivamente às atividades capazes de gerar valor de troca no mercado. Diante disso, muitas das atividades produtivas realizadas pelas mulheres são consideradas extensão do trabalho doméstico, historicamente invisibilizado. O não-reconhecimento do trabalho das mulheres tem como consequência “a negação de sua autonomia econômica, pessoal e política e a exclusão das decisões sobre a terra e o território” (Faria, 2011, p. 40).

No Brasil, embora as mulheres tenham uma participação menor (43,5%) no total de associações em iniciativas da ES elas representam a maioria (56,3%) nos cargos de coordenação. Além disso, a maioria dos empreendimentos solidários no país (54,7%) são originários exclusivamente do meio rural (Secretaria Nacional de Economia Solidária, 2013). É possível supor, portanto, que apesar das opressões historicamente vivenciadas pelas mulheres no contexto rural, este parece ser o *locus* com maior potencial de realização das possibilidades de emancipação da ES.

Na próxima seção apresentamos as imagens e depoimentos das artesãs do Assentamento Lucilene Fernandes e refletimos sobre as possibilidades de emancipação da ES a partir de uma perspectiva feminista.

A PRÁTICA SOLIDÁRIA DAS MULHERES DO ASSENTAMENTO LUCILENE FERNANDES

O trabalho das mulheres do campo não se limita, conforme exposto por Faria (2011) às atividades reprodutivas, abrange igualmente, atividades produtivas que em função da divisão sexual do trabalho, são compreendidas muito mais como uma “ajuda” do que como um trabalho propriamente. Nesse sentido, as mulheres do campo são duplamente afetadas: (1) pela desvalorização do trabalho reprodutivo que exercem e (2) pelo não-reconhecimento de seu trabalho produtivo considerado uma extensão do anterior. O depoimento de Dona Santa exemplifica o trabalho produtivo desempenhado pelas mulheres do campo,

Agora **eu já arei um pedacinho** lá pra fazer um, **plantar uns capim**, plantar rama, rama de mandioca, e um miozim, se Deus me abençoar que eu der conta né! Aí quando eu ia pra lá, cata umas raminha de mandioca punha numa sacolinha, chegava lá prantava, **já tem mandioca dessa grossura lá ó...**
(Dona Santa)

Além do trabalho na roça, artesanato também deve ser reconhecido como um trabalho produtivo, uma vez que as peças são comercializadas com o intuito de complementar a renda da família. Entretanto, para além de uma atividade produtiva, o grupo representa para essas mulheres a possibilidade de empregar seu tempo para realizar uma atividade artística que proporciona satisfação pessoal, aprendizado e fortalecimento dos laços de amizade. Dona Fátima faz uma contraposição entre o trabalho da roça, considerado por ela como sendo “puxado” (leia-se extenuante) e o trabalho artesanal, descrito como prazeroso.

Isso aqui é muito bom pra gente, pra cabeça, pro corpo, pra tudo né? A hora que cê sai da horta pro cê vem pra cá, acho que isso aqui é um descanso da horta um poquim né Raquel? A horta é mais puxado. É puxado o trabai da roça. Ai quando a gente volta, já volta animado pra começar lá de novo na horta né? (Dona Fátima)

Ao mesmo tempo em que pintam e bordam, conversam sobre os acontecimentos do dia a dia, sobre suas angústias e dificuldades, contam histórias, riem, consolam, ensinam e animam umas as outras. Neste espaço elas também discutem as questões relativas às atividades produtivas da cooperativa, estratégias de comercialização dos produtos, organização de encontros, festas e formas de agir politicamente relacionadas ao processo de assentamento do território. Segundo Singer (2002, p. 58), “participar das discussões e decisões do coletivo, ao qual se está associado, educa e conscientiza, tornando a pessoa mais realizada, autoconfiante e segura”, efeitos que também podem ser identificados na fala de Dona Fátima ao reconhecer que o trabalho artesanal contribui para o desempenho de outras atribuições.

Tanto na fala de Dona Fátima quanto na de Raquel, estão expressos o acúmulo das atividades produtivas e reprodutivas. Em consonância com Hillenkamp, Gue´rin e Verschuur (2015), para uma análise feminista da ES é necessário questionar se, e de que forma as práticas solidárias contribuem para compartilhar, revalorizar e “des-domesticar” as atividades reprodutivas. Entendemos que o grupo de artesanato das mulheres do assentamento Lucilene Fernandes contribuem principalmente para o compartilhamento e revalorização das atividades reprodutivas ao passo que a participação nos encontros permite o compartilhamento de saberes e tecnologias que podem ser úteis na superação das dificuldades relacionadas ao trabalho reprodutivo, além de ser um espaço de acolhimento e suporte mútuo. Entretanto, não identificamos elementos de “des-domesticação” das atividades reprodutivas, o que não significa que não ocorra em outras práticas solidárias no assentamento. Diante disso, é importante destacar que este ensaio é fruto de apenas um dia de interação com as mulheres.

Ainda, na fala da Raquel, fica expresso o compartilhamento do conhecimento entre as artesãs, que permite com que elas diversifiquem a produção ao mesmo tempo em que aprendem uma nova habilidade. De acordo Singer (2000, p. 44), “A importância dessas experiências é o aprendizado que proporcionam a segmentos da classe trabalhadora de como assumir coletivamente a gestão de empreendimentos produtivos e operá-los segundo princípios democráticos e igualitários”.

A gente trabalha, tem esse trabalho em casa, faz nossos afazeres, aqui a gente vem uma vez na semana e eu mesma aprendi a pintar olhando os vídeos da internet, as galinhas de cabaça também, tudo foi, **e a gente ia aprendendo uma com a outra**, o que uma sabe vai passando pra outra, aí assim. (Raquel)

O grupo de artesanato neste sentido significa para essas mulheres muito mais do que uma atividade meramente produtiva, se constitui como uma verdadeira prática solidária uma vez que contribui não só para a emancipação econômica das integrantes, mas sobretudo para o fortalecimento da coletividade e para seu desenvolvimento pessoal.

Por meio dos registros fotográficos foi possível fazer uma incursão sobre a realidade das mulheres trabalhadoras de um assentamento rural na região do Cerrado Mineiro, em Uberlândia, Minas Gerais. A utilização de recursos fotográficos contribui para uma maior aproximação dos pesquisadores com as pessoas no seu ambiente de trabalho, possibilitando a construção de interpretações muito particulares sobre o contexto que se pretendeu retratar. Optamos pelas fotografias em preto e branco com o intuito de destacar as luzes que penetram o barracão e que alcançam os rostos das mulheres.

Essas mulheres fazem parte do universo de outras tantas trabalhadoras rurais que dedicam suas vidas às atividades produtivas e reprodutivas. Suas mãos, rostos e corpos representam a resistência a imposição da desigualdade e exclusão social a qual estão

submetidas pelas condições sociais e de gênero. Essas mulheres são heroínas invisíveis por que são exemplos de luta, de persistência, de trabalho e amor.



Imagem 1. Produção artesanal.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 2. Bambu.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 3. Produção vista de cima.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 4. Detalhes.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 5. Dona Fátima.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 6. Dona Fátima olhando para a câmera.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 7. Dona santa bordando 1.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 8. Dona Santa bordando 2.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 9. Mãos.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 10. Close Dona Santa.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 11. Maria Eduarda.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 12. Maria Eduarda pintando a cabaça.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 13. Raquel olhando para a câmera.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 14: Raquel mostrando peça artesanal.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 15. Artesãs mostrando as peças.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 16. Pesquisadora fotografando artesã.

Fonte: Acervo das autoras.



Imagem 17. Nathália.

Fonte: Acervo das autoras.

REFERÊNCIAS

Cavedon, Neusa R. & Ferraz, Deise L. S. (2006). Tricotando as redes de solidariedade: as culturas organizacionais de uma loja autogestionada de economia popular solidária de Porto Alegre. *Organizações & Sociedade*, 13(39), 93-111.

Faria, Nalu (2011). Mulheres rurais na economia solidária. In Andrea Butto & Isolda Dantas (Orgs.). *Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural* (pp. 37-54). Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário.

França Filho, Genauto C. (2003). A temática da economia solidária e suas implicações originais para o campo dos estudos organizacionais. *Revista de Administração Pública*, 37(1), 11-31.

Hillenkamp, Isabelle, Guérin, Isabelle, & Verschuur, Christine (2015). Economie solidaire et théories féministes: pistes pour une convergence nécessaire. *Revista de Solidariedade da Associação do Centro de Estudos de Economia Solidária do Atlântico*, 7, 4-43.

Miller, Ethan (2012). Solidarity economy: key concepts and issues. Forum on the Solidarity Economy. In Thomas Masterson, Emily Kawano, & Jonathan Teller-Elsberg (Eds.). *Solidarity economy i: building alternatives for people and planet* (pp. 1-12). Amherst: Center for Popular Economics.

SENAES (2013). *Atlas digital da economia solidária*. Recuperado em 29, maio 2021 de: <http://atlas.sies.org.br/>

Singer, Paul (2002). *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Singer, Paul (2000). Economia solidária: um modo de distribuição e distribuição. In Paul Singer & Souza, André R. *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego* (pp. 11-30). São Paulo: Contexto.

**REDES DE SOLIDARIEDADE NO CAMPO: GRUPO DE ARTESANATO DAS MULHERES
DO ASSENTAMENTO DO MLST LUCILENE FERNANDES, UBERLÂNDIA, MINAS
GERAIS**

Resumo

Este ensaio fotográfico ilustra uma das práticas solidárias das mulheres do assentamento do MLST Lucilene Fernandes, em Uberlândia, Minas Gerais a partir de uma perspectiva feminista. Buscamos traçar as intersecções existentes entre a literatura sobre economia solidária e a perspectiva feminista como forma de compor um quadro analítico a partir do qual foi possível analisar o grupo de artesanato das mulheres do assentamento Lucilene Fernandes. Concluímos que o grupo de artesanato significa para essas mulheres muito mais do que uma atividade meramente produtiva, se constitui como uma verdadeira prática solidária uma vez que contribui não só para a emancipação econômica das integrantes, mas sobretudo para o fortalecimento da coletividade e para seu desenvolvimento pessoal.

Palavras-chave

Economia solidária. Trabalhadoras rurais. Assentamento.

REDES SOLIDARIAS EN EL CAMPO: GRUPO DE MUJERES ARTESANAS DEL ASENTAMIENTO MLST LUCILENE FERNANDES, UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS

Resumen

Este ensayo fotográfico ilustra una de las prácticas solidarias de las mujeres del asentamiento MLST Lucilene Fernandes en Uberlândia, Minas Gerais, desde una perspectiva feminista. Buscamos rastrear las intersecciones entre la literatura sobre economía solidaria y la perspectiva feminista como forma de componer un marco analítico a partir del cual fue posible analizar el grupo artesanal de las mujeres del asentamiento Lucilene Fernandes. Concluimos que el grupo artesanal significa para estas mujeres mucho más que una actividad meramente productiva, se constituye como una verdadera práctica solidaria ya que contribuye no sólo a la emancipación económica de las integrantes, sino sobre todo al fortalecimiento de la colectividad y a su desarrollo personal.

Palabras clave

Economía solidaria. Los trabajadores rurales. Liquidación.

**SOLIDARITY NETWORKS IN THE COUNTRYSIDE: GROUP OF HANDICRAFTS FROM
THE WOMEN OF THE MLST SETTLEMENT LUCILENE FERNANDES, UBERLÂNDIA,
MINAS GERAIS**

Abstract

This photo essay illustrates one of the solidarity practices of the women of the MLST Lucilene Fernandes settlement in Uberlândia, Minas Gerais from a feminist perspective. We sought to trace the intersections between the literature on solidarity economy and the feminist perspective as a way to compose an analytical framework from which it was possible to analyze the handicraft group of the women of the Lucilene Fernandes settlement. We conclude that the handicraft group means for these women much more than a merely productive activity, it constitutes a true solidarity practice once it contributes not only to the economic emancipation of the members, but above all to the strengthening of the collectivity and to their personal development.

Keywords

Solidarity economy. Rural workers. Settlement.

CONTRIBUIÇÃO

Ana Flávia Martins de Lima

A autora declara que elaborou texto, realizou pesquisa de campo e análise do material.

Nathália Santos Franqueiro

A autora declara que elaborou texto, realizou pesquisa de campo e análise do material.

Cintia Rodrigues de Oliveira

A autora declara que elaborou a proposta da pesquisa e a análise.

AGRADECIMENTOS

-

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

As autoras declaram que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

As autoras declaram não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Lima, Ana F. M., Franqueiro, Nathália S., & Oliveira, Cintia R. (2021). Redes de solidariedade no campo: grupo de artesanato das mulheres do assentamento do MLST Lucilene Fernandes, Uberlândia, Minas Gerais. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 8(22), 404-430.